TL 7008

Nota: Há uma outra mensagem de X6 p/ a UDT, + recente, publicada na revista "Sábado" de 16/10/92.

P/conhecimento:
Ramos-Horta

Senhor Domingos de Oliveira
Sec-Geral da CC / UDT

Os meus cumprimentos, fraternais abraços e saudades de nós todos.

Mandaram-me a cassete da mensagem de 22.Agosto., que dirigiu aos membros da UDT, no interior da Pátria, sem ainda fazerem reproduções para a distribuição. Enviaram-me para análise e sugestões. Tudo farei para dar cobertura à sua mensagem, apenas corrigindo a sua informação de que me mantenho na FRETILIN.

Devo dizer-lhe que me emocionou duplamente. Em primeiro lugar, a satisfação de, embora tão tardiamente, vos terdes lembrado de mandar mensagens para o interior da Pátria - conforme tenho conhecimento. Por outro lado, a satisfação íntima de que vou pelo caminho certo. Iniciei, há pouco tempo, umas movimentações politicas com vista a (re)organizar a UDT cá dentro, não no sentido de apresentar uma UDT eficientemente estruturada mas no de "reunir", no mínimo, um núcleo dirigente que pudesse ter um relacionamento mais estreito com o Comando da Luta.

Não é nenhum favor que eu esteja prestando a quem quer que seja. Isto - também não significa, de maneira nenhuma, que militantes da UDT não tivessem nunca contribuido na Luta, nem significa que não existissem de facto militantes da UDT.

Tomei a "iniciativa" por considerá-la um DEVER, na medida em que não concebo a Pátria no abstracto e uma Pátria libertada viverá necessàriamente sob a responsabilidade e direcção dos partidos politicos, representativos do POVO.

Falei assim ao Mário Robalo e comuniquei também ao Ramos Horta, pedindo-lhes para vos transmitir o meu renovado apelo ao reforço da Unidade, no seio de cada partido, como condição para o fortalecimento da Unidade Nacional.

Eu nunca me teria preocupado por apresentar um núcleo dirigente da UDT, como faço com a FRETELIN - já que está incutida a ideia de "agora" a Pátria e, depois, os partidos", em termos de grandes preocupações e dispêndio de energias, se também não sentisse a necessidade de apresentar as duas forças políticas da CN. Até já lhes disse que possuo uma bandeira da UDT e que terei que entregar a alguém.

Devo dizer-lhe ainda que, embora conheça membros da UDT (até bem colocados), tenho grandes reservas de que, no momento, apareçam para desfraldar bandeiras da UDT. Serão, sim, os militantes, serão aqueles que não têm nada a perder e acredite-me, pois estou a falar-lhe com toda a franqueza.

Escrevi ao falecido Dr.Moisés do Amaral, escrevi a si e ...nada! Durante 2 meses, fiquei esperando por algum sinal da UDT, já que eu sei que a pessoa que recebeu a carta e a enviou para si, podia telefonar para alguém, além de que muita gente tem vindo da Austrália, não necessàriamente da FRETILIN.

Pois desisti, imaginando coisas e culpei-me a mim mesmo de ter "chateado"a UDT. Passei então a estudar as condições no terreno. Pode parecer paradoxo eu "empenhar-me" a organizar a UDT e rechaçar uma reorganização na FRETILIN mas, acredite-me, tudo quanto faço é sob o princípio, sagrado para mim, de servir a Pátria.

Já disse a muitos cabeçudos da FRETILIN - digo cabeçudos e não radicalistas, porque existe uma diferença colossal entre estas duas posturas - que, se advogamos um sistema multi-partidário, cada um deve pensar que a FRETILIN não pode ser o remédio para todos os males de Timor=Leste; que existem conceitos-tabús que devem ser combatidos desde já, como uma "FRETILIN eternamente heróica" e uma "UDT eternamente culpada" ; que o processo de libertação da Pátria passou por conjunturas políticas históricas que devem ser correctamente entendidas; que, com a Pátria livre e independente, o jogo democrático empurrará pura e simplesmente para as páginas da história, toda a epopeia da Luta de Libertação; que, a meu ver, deixará de ter razão e validade a anterior "politica dos cartões", que apenas respondia a um momento histórico, etc, etc...

E embora, como disse, membros da UDT participassem, de mãos dadas, com membros da FRETILIN, não havia (aparentemente, porque pode existir em absoluta clandestinidade) uma estrutura mínima a quem eu pudesse, resumidamente falando, entregar a bandeira da UDT.

Eu estava nas minhas "demarches", quando recebo o "apelo de reflexão", emitido por militantes da UDT. Conheço alguns deles, vou-lhes mandar uma mensagem de saudação, porque pretendo uma estreita coordenação ... para poder mobilizá-los também em oportunidades viáveis.

Sr. Domingos de Oliveira, fico sensibilizado com a homenagem que se dignou prestar a alguma participação que me foi possível juntar ao esforço de todos, em direcção à reconciliação nacional, à concórdia de princípios básicos, à harmonia política e à tolerância mútua.

Permita-me, contudo, aclarar um aspecto importante na minha vida (politica). Não pertenço hoje à FRETILIN, partido ao qual me devotei e dentro do qual aprendi a amar a Pátria e conhecer o nosso Povo. Saí da FRETILIN; é verdade que foi com muita mágoa que tomei a decisão, mas mágoa maior foi ver a nossa Pátria ensanguentada. Fi-lo com toda a sinceridade, fi-lo com toda a convicção (politica) de que assim SERVIRIA melhor os interesses da Pátria, fi-lo com a máxima reflexão.

Não foi, não é nem será manobra política. Se a UDT ainda duvida disso - e a prova é, na mensagem, considerar-me ainda da FRETILIN -, por motivo de certas declarações minhas, peço para que as situem num contexto politico do qual me custava abstrair, pelos condicionalismos existentes e inerentes a todo este processo de que faço parte.

Não, caro companheiro de Luta, não sou já da FRETILIN e nem farei parte de nenhum partido. Não pretendo fazer politica em termos partidários, em termos de luta ao poder. Talvez não me possa excluir de fazer política, em termos gerais.

E penso ser necessário aclarar mais a seguinte questão para que possa haver maior confiança politica entre nós e essencialmente entre a UDT e as FALINTIL : Eu não pretendo, com esta postura, vir a tornar-me algum ministro. Eu conheço-me o suficiente para não ser iludido com ambições pessoais e, aliás, não luto para isso. Tracei um caminho, pessoal, para seguir no futuro, como outra parte da minha contribuição na Libertação da Pátria.

E não me "chamem nomes", por favor ! Somos seres humanos e eu tenho - muito medo de vanglórias ... para a minha própria perdição. Desejo continuar o que sou ; combatente da Pátria, que aceitou levar maiores responsabilidades que os outros ... Nossos guerrilheiros !

Ouvi a mensagem, na manhã do dia 5, à tarde teria que mandar algo, se tivesse, para a via canalizar para o exterior ! O tempo era insuficiente e só pude agarrar em 3 albuns (incompletos) e rabiscar umas linhas em papel de caderno ... porque não tinha à mão papel de carta.

Desculpe, Sr. Domingos, essa falta de consideração. A pressa, pensei mandar alguma coisa que pudesse demonstrar à UDT, através do Sec-Geral do seu CC, que tanto as FALINTIL como por maior razão, eu próprio, somos guerrilheiros da Patria e não, (ainda) da FRETILIN.

A propósito de forças, quero pedir aos dirigentes da UDT para que se abstenham de pronunciamentos sobre a questão e não se preocupem com "existirem forças da UDT".

Procuraremos todos evitar partidarizar as forças ou criar ideias de "forças próprias", porque não será necessário, para nada e em absoluto, cada partido apresentar suas próprias forças ... que até nem existem.

16 anos de luta educaram o nosso Povo e lamento as declarações do Vice Presidente da UDT Sr. João Carrascalão, sobre a matéria . O problema, não é que seja alguma questão delicada ; o problema é essencialmente ser um assunto que devia já serr ultrapassadissimo.

Confiem em mim e confiem em nós todos ! A educação politica que pudemos transmitir aqui é até no sentido de : perdoar os próprios traidores, hoje actores ditectos ou indirectos dos crimes perpetrados pelos ocupantes.

Havendo, como é inevitável, um pu outro intransigente que não aceita a ideia de a UDT colocar-se, em pé de igualdade, com a "amada FRETILIN", todo o nosso Povo, mais ou menos esclarecido, aplaudiu a Convergência e a posição apartidária das FALINTIL. Eu, inclusivamente, tornei a escrever ao Sr.João Carrascalão, pedindo em exclusivo para as FALINTIL um apoio da UDT, de 30 a 50 jutas. SG

Só o caso dos 2 futebolistas, que pediram asilo politico, impediu a saída de uma pessoa (de ligações familiares com o Sr. João), o que me levou a inutilizar a carta porque entretanto nem sequer vinha algum sinal de que tivessem recebido as minhas primeiras.

Na sua mensagem, o Sr. Domingos de Oliveira abordou uma questão estratégica pertinente: o regresso de Portugal.

(Antes de prosseguir, quero fazer este parêntesis para lhe informar que, sobre questões de condução da Luta, nunca recebi daí de fora e de quem quer que seja, seja a título individual seja a nível de organizações, das quais se podia ou devia esperar, sejam ideias, sugestões, propostas ou contra-propostas ... como apoio para encarar, com melhor objectividade o processo e as vias por que se podia encaminhá-lo).

Pois, sempre coloquei a mim mesmo a problemática do futuro, nas perspectivas de uma solução mais acertada. Considerei sempre que o considerá-lo nosso direito é inalienável ; desejamos e lutamos pela independência da nossa Pátria - Timor -Leste ou Timor Oriental ...

E porque não Timor-Leste, Sr. Domingos de Oliveira, para uniformizarmos certos termos "nacionais" ? A utilização do "Oriental" torna-se, no meu pensar, um indicativo de receios, de desconfianças, de uma distinção ideológica-partidaria ainda latente. Por favor, rompamos com todas estas pequenas barreiras, demulamos os nossos "muruzinhos de Berlim" e "unifiquemos" a nossa Pátria !

Prossegindo, se bem que queiramos ardentemente a independência, não deveriamos ser utópicos a pensar que nos governariamos, em moldes de "sefi-suku", nas formas mais elementares de governação tão simples quanto aos "impostos" de bambús de tuaca.

O segundo Plano da paz (que, a meu ver, não teve a menor repercussão política) pedia o regresso de Portugal e incluia um periodo transitório com a presença (administrativa-e-supervisora) portuguesa. Pelas minhas avaliações, existe já um determinado grau de preparação humana, super-estrutural, já que também são decorridos 16 anos os que separam o presente de um passado não só de impreparação politica como de uma TOTAL AUSÊNCIA de quadros. Por esta e outras razões, achei que um periodo muito prolongado de presença/retorno de Portugal não só não se justificaria como ainda podia ser negativo para se implementar a ideia e, foi assim que, neste Plano de Paz, sugeri um periodo não inferior a 3 anos mas não superior a 5.

É um pensamento estratégico que, ainda agora se mantém no ror das possibilidades a perseguir. Porém, devo informar-lhe do seguinte :
Escrevi ao Dr. Quartim dos Santos, no ano passado, e informei-lhe sobre as manifestações que poderiam produzir-se cá, reclamando, entre outras coisas, o retorno de Portugal para a reposição da legalidade internacional e que o nosso Povo desfraldaria a bandeira portuguesa.

O homem respondeu-me negativamente, aconselhando a não fazermos uso de símbolos nacionais (portugueses) e que deveriamos pensar que o regresso de Portugal seria, por um lado, uma ideia/tese inaceitável para o complexo e complicadissimo 3º mundo e, por outro, contra-producente para a política portuguesa. Como pode imaginar, engoli em seco as razões apresentadas, convencido apenas de que não eram básicas, porque os argumentos que as sustentavam eram deficientes, por falta de lógica contextual do problema, seja no campo juridico-politico, seja no histórico-cultural.

Enfim, passei a perguntar-me então a mim mesmo se, na verdade, Portugal possue capacidade, em termos exclusivamente financeiros, para vir suportar tão pesados encargos de um possível regresso. A entrada de Portugal, segundo na inversão de valores, na CEE não lhe forneceu, ipso facto, alguma capacidade complementar mas deve ser entendida (ou por mim entendida) como uma saída para o depauperamento ou, mais optimisticamente, para a estagnação económica.

Se bem que seja previsível, Portugal recomendar uma "acção conjunta" da CEE, quero ser realista no exame desses problemas, Sr. Domingos de Oliveira, já que penso qoe os encargos, nesse periodo transitório, serão iliquidáveis. Doutra forma, pensaríamos em termos de cooperação e, sob ângulo juridico-politico o "regresso" não significaria "regresso real".

Creio ainda, e oxalá eu me engane, que Portugal não está simplesmente interessado nesse retorno, por causa das implicações económicas, já que existe o perigo de descontetamento social que seria apenas produto do "desvio" de uma parte do orçamento para Timor.

Assim, a intenção (legitima, pelos seus fundamentos) pode, algumas ou muitas vezes, esbarrar com obstáculos que outros aspectos podem não ter em conta. Sobre aspectos, refiro-me aos laços com e as obrigações de Portugal e, concomitantemente, a situação jurídica do território, etc, etc.

Para além disso, existe um outro campo de movimentação, quiçá mais difícil - o diplomático. Acompanho, com deficiência, a luta que se trava neste terreno e penso que, se se partir do principio de que Portugal não está interessado, em nada resultarão as nossas reivindicações nesse sentido. Por outro lado, conforme o relatório do PET sobre o encontro com o Sec-Geral da ONU, não há dúvidas de que não haverá uma formula de solução que possa dispensar a participação indonésia e, inversamente, parece ser ponto de vista ou estratégia da ONU relegar a parte portuguesa para um plano secundário, embora, embora o Sec-Geral afirme muita coisa "alentadora".

Não entenda, Sr. Domingos de Oliveira, as minhas declarações para o DN (e para a Tapol) como sendo "posturas assumidas"; "bravo" com a carta do Quartim Santos, desafoguei em provocações, porque percebia (bem ou mal) que me limitava o campo de manobra, obrigando-nos, no interior da Pátria, a ceder ao arrastamento imposto pela Indonésia !

Pois bem, Sr. Domingos de Oliveira, vou ter em conta a sua opinião. Porém, espero, da parte da UDT, não explanações em terreno de perspectivas teóricas mas pontos de vista objectivos e práticos, definidores de uma linha de pensamento, fundamentada nas suas possibilidades reais e/ou potenciais, para eu poder dar o meu contributo na prossecução dos nossos objectivos.

Acredite, em mim, Sr. Domingos ! E, por favor, nunca pensem que estou capaz de dominar toda esta problema de um Timor-Leste independente !

Ando às voltas por fornecer-me de dados que me permitam olhar melhor o dia de amanhã. Embora tantas vezes tenha esmolado da DFSE um gesto de caridade, nunca, quer individualmente quer a nivel da organização, me deram uma migalha. O que comecei a receber, em fins de 89, foram severas críticas ao RER, difícieis de digerir.

Só últimamente, do companheiro Ramos Horta começo a receber relatórios ...

Escrevi ao falecido Dr. Moisés do Amaral e ... nada, escrevi a si e ao Sr. João Carrascalão e também ... nada !

Bati outras portas, aliás abriram-mas. Pedi apoio a pessoas amigas (estrangeiros) e estou, desde há poucos meses, recebendo regularmente informações e dados, pontos de vista, sugestões, reparos e ... documentações que estão constituindo matéria valiosa para os meus estudos.

É pena, Sr. Domingos de Oliveira, ter que revelar-lhe isto ; porém, faço-o apenas com este objectivo - necessito também da vossa participação, necessito do vosso apoio, em opiniões, pontos de vista, etc, necessito portanto de estar a par do vosso pensamento, de conhecer a vossa estratégia.

Necessito que mantenham (temos condições para isso) periódicos contactos comigo, com vista a estarmos em sintonia, o que me facilitaria a tomar decisões, de âmbito estratégico.

A plataforma da CN ficou no papel ! Se o RER tivesse ido avante, a CN, pela DRSE, poderia ter maiores probabilidades de corresponder aos meus desejos - de um Comando verdadeiramente Nacional, em que se produziria uma estratégia conjunta para a Libertação da Pátria.

Eu teria a capacidade de me pronunciar, não sob uma óptica individual mas dentro de uma plataforma de estabelecimento de estratégias e das tácticas a seguir.

Infelizmente, a plataforma que eu procurei construir, hoje mantenho-a com pessoas amigas ... que vêm a nossa luta da óptica de "estrangeiros", profundos conhecedores da nossa luta, extremamente devotados à nossa causa e totalmente empenhados na defesa dos nossos direitos ... e que tudo fazem para me propocionar a entrada no labirinto das teias da diplomacia e da relatividade dos aspectos jurídicos e politico.

Quero precisamente dizer com isso, que temos, nós os timorenses (e como disse na sua mensagem, cabe a nós "100%" do dever) de ultrapassar, com coragem, as nossas próprias deficiências e espero da UDT correspondência de vontades.

Devo informar-lhe que Ramos Horta foi designado o porta-voz do CNRM, órgão superior da Luta onde a CDF é teòricamente responsável da condução do processo ... por exigências históricas compreensíveis e as quais devo respeitar. Na prática, mantenho " as redeas " do comando do processo.

Esta tomada de decisão buscava, por um lado, a forma mais adequada de ultrapassar tanto a crise no seio da UDT quanto ao actual momento de preocupação partidária na FRETILIN e seria como que um "apalpar terreno" para o funcionamento de um Secretariado da Convergência Nacionalista - alternativa da DRSE/RER -.

Segundo as últimas informações recebidas em 3 de Setembro, o Sr. Abilio Araujo foi unânimamente escolhido mandatário da CN em Portugal e o Sr. João Carrascalão, também unânimamente , aí na Austrália, ficando Ramos Horta com o papel de coordenador entre as duas forças políticas, Alegro-me com a notícia e felicito-vos por tão acertadas decisões. Espero que tenhamos dado um verdadeiro impulso à plataforma (até agora nominal) de acções, que necessàriamente deverão ser guiadas por uma estratégia global conjunta.

Por último, quanto ao seu apelo a um espírito de compreensão em relação a declaração de certos elementos, devo dizer que, indiscriminadamente de sentimentos partidários, o nosso Povo conhece-os e procura entendê-los. Compreenda que o nosso Povo sabe apreciar as mudanças de elementos da ex=apodeti (deniminados "arrivistas" por alguns - filosofia politica para situações de estabilidade (politica) mas que não serve como filosofia de libertação) e condena actos de traição de ex-dirigentes da FRETILIN. Mas também acompanha o comportamneto de muitas pessoas que, na segurança das jutas que recebem, não mexem um dedo ... numa passividade que desconsola, e ainda conhece os cães, sejam da UDT sejam da FRETILIN !

Para terminar, informo que acabo de receber uma camisola, enviada por Ramos Horta com o desenho da CN. Agradeço que nos mandem muitas, centenas, desde qu que possível, só que as palavras podiam ser em português e não em inglês.

Queira receber, Sr. Domingos de Oliveira, as saudações fraternais dos guerrilheiros das FALINTIL e um abraço irmão e amigo.

Do companheiro da Luta,

Sr. Domingos de Oliveira

Pela reportagem prestada por si, na Rua, sobre o adiamento p/o ano da visita da OAP, queria pedir-vos para recomendarem ao Cap. Portugês que existe o "pequeno verão" que cobre quase todo o mês de Abril. Aliás, informei o Q-Santos sobre isso, ao que demonstrou espanto por, aí fora, ninguém tenha aludido ao facto.

Fiquei admirado com o lamentável desconhecimento dos Fluminenses do regime climatérico no nosso país.

Em quase todo o mês de Abril e mais pronunciadamente entre 10 a 25, praticamente não chove, pois é o período de preparação para a 2ª época, a ceifagem do milho da 1ª, etc, etc. Por isso mesmo, não se pode este problema.

Quanto a não se poder deslocar para o interior, devo informar que as rodovias mais importantes estão alcatroadas, existem pontes nas principais ribeiras, pelo que não há, mesmo em períodos de chuvas torrenciais, dificuldades de maior p/a colocação de um programa tão limitado a 10-12 dias.

Para um tempo tão certo, mesmo que a OAP viesse ou devia na época seca, não vejo como terá capaz de "ver" todos os lugares. Apesar isto não posso pensar que percorrerá todos os postos e, falando de postos, a maioria está em a população praticamente encontrada nas margens das estradas principais e, mesmo dos que estão afora da mão, muitos são contemplados c/ acima alcatroados.

Peço à ex.ª para batalharem nesse sentido e lindi já!

Renovo os abraços.